



## **Mediatização da Transformação Social<sup>1</sup> Projetos Sociais pela Cultura e Cidadania**

Lylían Rodrigues<sup>2</sup>  
Universidade Federal de Pernambuco

### **Resumo**

O presente artigo pretende levantar reflexões sobre os projetos sociais da área das mídias, executados no Brasil a fim de fortalecer a diversidade cultural e garantir o exercício da cidadania para os participantes. Tais projetos articulam-se com os processos midiáticos para atingir seus objetivos e legitimarem-se na sociedade contemporânea. O olhar sobre os projetos busca atender uma demanda que cresce velozmente e que pode mostrar os sinais da mediatização configurando a construção da realidade, neste caso, por meio das estruturas de funcionamento dos projetos sociais em comunidades.

### **Palavras-chave**

Mediatização; Projetos Sociais; Cultura; Cidadania.

### **Introdução**

Vivo uma experiência social que promove mudanças em vários indivíduos, diariamente. São os projetos sociais executados pelo terceiro setor. No Brasil, as estatísticas<sup>3</sup> demonstram veloz crescimento nos últimos anos deste campo de ação. Na década de 70, existiam, legalmente, 187 instituições executando projetos sociais. Nos anos 80, 171 novas instituições foram legalizadas. De 90 a 2000, o número quase triplicou, alcançando 428 novos registros. E nos anos de 2001 ao 2004, o número de instituições legalizadas já superou o número total da década anterior, chegando a 481 novos registros de instituições do terceiro setor.

Dentre as diversas áreas de atuação do terceiro setor, é possível perceber maiores porcentagens em áreas que atuam também com a mídia. Em Educação (25%), Cultura (12%), Desenvolvimento Econômico, Social e Comunitário (15%), respectivamente respondendo a projetos de educação para a tecnologia e educação à distância; mídia e comunicações; capacitação e formação profissional. Em todos os projetos, a tecnologia

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no GP Comunicação para Cidadania, IX Encontro dos Grupos/Núcleos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do XXXII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

<sup>2</sup> Doutoranda do Programa de Pós-Graduação da Universidade Federal de Pernambuco, [lylian.rodriques@gmail.com](mailto:lylian.rodriques@gmail.com)

<sup>3</sup> <http://www.mapa.org.br/estatisticas.aspx>



permeia os processos de capacitação, formação, educação e, portanto, da transformação social.

Os números crescem velozmente. E em que velocidade acontece a transformação social? Dados de estudos quantitativos do IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - e do CNM – Conselho Nacional de Municípios – identificam mudanças quantificadas por índices e números, em categorias escolhidas pelos institutos: saúde, educação, tecnologia. As pesquisas mostram crescimento dos números das mudanças sociais para uma melhor qualidade de vida. De certo, as mudanças sociais têm um tempo diferente de avanços tecnológicos, por exemplo, em seu ritmo um pouco mais lento pela complexidade ao tratarmos de indivíduos e sociedade.

“Dos oito indicadores relativos à área social do IRFS, seis apresentaram crescimento em relação a 2005, especialmente o número de professores com curso superior, que subiu de 29,85% para 56,36%. A taxa de mortalidade infantil caiu de 18,44 por mil para 17,34 por mil nascidos vivos. E os gastos com saúde aumentaram de 15,08% para 19,14% da receita líquida”. (Fonte: Agência Brasil, de notícias, em 11 de fevereiro de 2008)<sup>4</sup>

“Revelar em que ponto o Brasil está e para onde sua trajetória aponta no caminho rumo a sustentabilidade. Partindo desse objetivo, os Indicadores do Desenvolvimento Sustentável 2008 (IDS 2008) mostram um país que, nos últimos anos, teve seus maiores avanços na economia. Nas questões sociais, apesar das melhorias verificadas, ainda persistem grandes passivos a serem sanados; enquanto a problemas ambientais há sinais contraditórios, com evolução em algumas áreas e retrocessos em outras”. (Fonte: 3setor/IBGE/Corália Maria Sobral Carvalho, em 04 de junho de 2008)<sup>5</sup>

Domingos Armani escreveu um livro sobre projetos sociais, apontando as limitações hoje enfrentadas por esse processo, que, em suma, dizem respeito às relações: pouco apropriados para iniciativas mais complexas baseadas na alteração de relações sociais; resultados que desconsideram a natureza dinâmica e complexa das relações, limitações de tempo; e o que tange as finanças para o processo da mudança social, que produzem desequilíbrio entre os resultados “tangíveis” e de mudanças sociais.

---

<sup>4</sup> Para acesso da notícia completa, acessar:

<http://www.agenciabrasil.gov.br/noticias/2008/02/11/materia.2008-02-11.0942259286/view>

<sup>5</sup> Para acesso ao relatório qualitativo e quantitativo completos, acessar:

[http://www.ibge.gov.br/home/presidencia/noticias/noticia\\_visualiza.php?id\\_noticia=1156&id\\_pagina=1](http://www.ibge.gov.br/home/presidencia/noticias/noticia_visualiza.php?id_noticia=1156&id_pagina=1)



A transformação social nas relações pouco pode ser quantificada ou colocada em fórmulas. Tais interações têm sido o “calcanhar de Aquiles” dos projetos sociais, pois surge a necessidade de analisar as interações como reais construtoras de uma realidade social mais justa e igual.

### **Interação, mídia e construção da realidade**

As interações humanas também são um importante objeto de estudo da comunicação, já que esta ciência se ocupa da vida social e do estabelecimento das relações entre os indivíduos – interação social -, estudando a configuração social. Na atualidade, pensar esta configuração prescinde do debate sobre o processo comunicativo, em suas tecnologias e processualidades midiáticas, que perpassa a natureza interacional dos indivíduos. A vida social se constrói pelas relações e interações estabelecidas entre os indivíduos mediadas simbolicamente.

“Na interação face a face o outro é apreendido por mim num vívido presente partilhado por nós dois. Sei que no mesmo vívido presente sou apreendido por ele. Meu ‘aqui e agora’ e o dele coincidem continuamente um com o outro enquanto dura a situação face a face. Como resultado, há um intercâmbio contínuo entre minha expressividade e a dele (...) Na situação face a face o outro é plenamente real. Esta realidade é parte da realidade global da vida cotidiana, e como tal maciça e irresistível” (BERGER e LUCKMANN, 1974, p.47).

A conhecida obra de Berger e Luckmann “a construção social da realidade” tem seus pressupostos sócio-psicológicos de análise influenciados por Geroge Herbert Mead. O indivíduo se descobre sujeito quando descobre a sociedade e vice-versa. Quando ele se localiza nas funções sociais ou nos papéis, ele se localiza na sociedade. Assim, explico a importância para este artigo da concepção social de Geroge Herbert Mead, quando desenvolveu suas idéias pela escola simbólico-interacionista. “G.H. Mead e os interacionistas simbólicos são as figuras-chave na sociologia que elaboraram esta concepção ‘interativa’ da identidade do sujeito” (HALL, 2004, p. 11).

A realidade social, então, é constituída nos desempenhos de um indivíduo e dos outros, mediados pelas representações e símbolos que eles reconhecem ou criam e se reconhecem por meio deles. Existirão entre eles finalidades específicas e encontros



convertidos. Assim, é por meio da interação desses indivíduos que a realidade que os cercam é construída, assim como essa realidade é por eles modificada e, conseqüentemente, também transformadora dessas relações. “A identidade é atribuída socialmente, sustentada socialmente e transformada socialmente” (BERGER, 1989, p. 112).

As interações entre os indivíduos já estão mediadas pelos processos comunicativos. Braga (2006) escreve sobre a mediatização como processo interacional de referência. Com apontamentos sobre o processo em vias de estabelecimento, sendo o reconhecimento de processos sociais estabelecidos conforme as lógicas midiáticas. O autor delinea os processos de referência da interação humana, que já sofreu a lógica da oralidade e, atualmente, escrita. Sendo que o processo não se perde, só se renova, guardando sempre identificações do processo anterior, como aconteceu quando a referência passou a ser a escrita e não mais a oralidade. Não por isso, a oralidade foi perdida como processo interacional. Portanto, seria o início do estabelecimento da mediatização como processo interacional de referência, mostrando aí lógicas da mídia como orientadores de comportamentos sociais, interferindo diretamente nas interações, e conseqüentemente, na construção social da realidade.

“Com a mediatização, a processualidade diferida e difusa adquiriu diferente amplitude e diversas qualidades adicionais. Uma delas é a possibilidade de ‘mostrar’, por representação da imagem e/ou do som, os objetos e situações. Tais processos, antes dos inícios da mediatização tecnológica eram acessíveis através de total dependência da palavra (ou seja – por transposição); enquanto que, com a mediatização, a palavra suporta, complementa e faz avançar os processos, mas não é responsável pela ‘totalidade’ de passagem da objetivação (do objeto ou da experiência objetivada)”. (BRAGA, 2006, p.9)

A interação face a face tão importante para a construção da realidade pode ser atualizada com as novas tecnologias que surgem. Hoje, podemos pensar na cibernautância e nas interações por *chats*, *orkut*, *spaces* jamais pensadas antes. Conversar pela *webcam* é estar face a face mesmo a quilômetros de distância.

### **Projeto Oficinas de Comunicação**



O uso dos meios de comunicação apreendidos pelos jovens das oficinas de comunicação dos projetos sociais estabelece a relação destes indivíduos com o campo midiático e com os processos de comunicação, intensamente. Eles aprendem sobre os meios, lógicas, linguagem, manuseio e produção. Nos produtos criados, como vídeos, impressos, sites, programas de rádio, existe uma natureza interacional com o outro, com as instituições sociais e com a tecnologia que configura a realidade local da comunidade e a realidade do grupo social. Tais configurações são processualidades sociais e comunicacionais que podem e devem ser percebidas a partir de uma minuciosa observação e análise nas interações e construções simbólicas no cotidiano do projeto social.

Os processos comunicacionais, então, entram no cenário para mediar a voz desses jovens para agir politicamente, exigirem seus direitos e praticarem de seus deveres. As interações que importam para a transformação social tem que envolver não somente os indivíduos da periferia, mas também importantes indivíduos que atuem com papéis fundamentais na configuração da realidade local e social, como o poder público, privado e sociedade. A interação face a face foi atualizada pela ampliação tecnológica da voz e do olhar, são programas nas rádios comunitárias, vídeos produzidos de forma independente mostrando a realidade local e divulgando as necessárias mudanças. Não bastaria pensar as relações individuais no espaço do projeto e com os jovens. Para a transformação de uma realidade da sociedade, é preciso integrar nestas relações: jovens, governo, sociedade. E a processualidade midiática dos projetos, que ocorrem segundo lógicas comunicacionais, correspondendo assim a lógicas também seguidas por governo e sociedade, tornam essa “conversa” convertida e com finalidades específicas em uma mesma linguagem, buscando os objetivos de uma sociedade mais igual e justa.

Nas oficinas de comunicação desenvolvidas na periferia por Organizações Não Governamentais ou Organizações Governamentais nascem experiências sociais que produzem processos de transformação social à medida que os jovens utilizam os meios para o exercício da cidadania e visibilidade da diversidade cultural dos próprios espaços.

A cultura é a mediação da interação entre os indivíduos do projeto com eles mesmos, com o poder público e com a sociedade. As interações dos jovens entre eles e



com a tecnologia multiplicam os elementos destas representações e símbolos, além de diversos e dispersos, sendo o “próprio processo de identificação, através do qual nos projetamos em nossas identidades culturais, tornou-se mais provisório, variável e problemático (...) não tendo uma identidade fixa, essencial ou permanente” (HALL, 2004, p.14). Tais relações de interações e identidades podem estar co-relacionadas à própria natureza comunicativa e mesmo ao processo midiático que referencia tais relações.

Eles são divulgadores de uma cultura do “chão de terra” que invade “o asfalto”. Desde que o *hip hop* ganhou espaço em meios massivos, conquistou o direito, no mínimo, de ser conhecido por toda a sociedade. E mais que isso, agora o *hip hop* tem mostrado a força de ser uma linguagem para interagir com a periferia. Em tempos de eleição, tornou-se comum para todos os partidos políticos a evidente meta em conquistar os espaços periféricos, e por isso, eles incluíram nas campanhas termos desta cultura periférica.

A transformação social não é apenas o reflexo dos indicadores como melhores índices de moradia, educação e saúde, é também reconhecer a diversidade cultural de uma sociedade que possui grupos sociais diversos que devem manter uma interação de respeito e valor a cada representação simbólica. Os vídeos, os sons, os impressos, os desenhos, os grafitis, os sites que são produzidos nas oficinas de comunicação refletem originalidade e criatividade dos jovens de periferia com símbolos específicos de uma cultura local. São diversos termos ou representações gráficas que ficam conhecidos como “X-9”, “a chapa vai esquentar”, “juntos e misturados”, “DiBoa”, entre vários outros. A grande mídia é também uma “instituição” que interage com este grupo social e é possível perceber recentes produções cinematográficas ou colunas em jornais que têm se consolidado com repercussão crítica positiva no meio social.

As transformações sociais perpassam também o exercício cidadão e, por isso, o direito a melhores moradias, a participação política, a voz na sociedade, ao acesso do trabalho bem remunerado e educação qualificada. O jovem das oficinas é um indivíduo que esteve no espaço da exclusão. Na periferia, é possível encontrar aglomerados de minorias excluídas como negros, pardos, analfabetos, pobres, loucos. Quando eles se tornam os produtores de comunicação, estão se tornando a voz desta população e



reconstroem com isso o papel exercido no próprio espaço. Sentem-se com auto-estima e capacitação para a interação com o governo e com a sociedade. Buscam a liberdade de expressar sua música e desenho, dança e teatro. Eles acreditam no poder da palavra, do verso, do traço; renovando também as informações sobre a periferia.

Se antes, só se conhecia sobre a periferia a miséria, a pobreza, a desgraça, o tráfico e as mortes; hoje, ainda que em proporção pequena, a periferia também tem a divulgação da sua cultura, arte, histórias de vida e sobrevivência, criatividade e originalidade dos jovens que estão em consonância e também destoam desta sociedade capitalista que promove uma exclusão econômica e também social.

Essas são as conquistas de direitos humanos e civis por quais os projetos intentam e com a interferência do uso e capacitação para os processos comunicacionais, tornam-se instigantes à área de pesquisa científica tanto quanto à área social pela abrangência que têm tomado em investimentos financeiros que alcançam cifras de milhões, oriundos de grandes empresas capitalistas, financiadores internacionais, fundações nacionais e o próprio poder público.

“a universalidade dos direitos humanos encontra-se localizada, também, no fato de ser resultado de um processo constante de incorporação dos direitos adquiridos no âmbito das liberdades individuais, da igualdade política e da igualdade social, ou seja, de uma contínua luta pela sua ampliação” (MARCONI, p. 13)

Os meios de comunicação que já foram tão mal vistos como meios de manutenção do capitalismo hegemônico estadunidense, indústria cultural, etc., podem ser hoje percebidos também como ferramentas para a solidariedade e luta por uma sociedade mais justa, menos desigual e de menos exclusão. Pensar as relações de um sujeito e a sociedade, de forma comunicacional, dentro do contexto dos projetos de mídias perpassa contribuir a partir de e para o pensamento sobre cidadania e comunicação. Isso porque vamos pensar o sujeito - o cidadão -, em relação à vida em sociedade - cidadania. A relação do indivíduo com as estruturas sociais é cidadania, cultura e midiaticização. O meio de comunicação é uma forma de exercer essa cidadania, obtendo por ele visibilidade pela luta pelos direitos, expressão para a cultura local, um lugar de debate e confronto.



“**Pensar o lugar desses sujeitos** nos processos de produção da mídia constitui um problema central dos comunicadores contemporâneos, é fundamental não confundir as práticas de comunicação simplesmente reduzindo-as a práticas profissionais, é essencial **reconstruir uma concepção de liberdade de expressão** que desmonte a concepção hegemônica liberal a respeito desse importante aspecto da realidade comunicacional” (grifo do autor, MALDONADO, 2002).

### Últimas considerações

A importância da pesquisa acadêmica, além das implicações para a ciência, também deve culminar com conclusões que debatam a realidade social e retroalimentem as processualidades sociais. Visibilidade, crédito e mérito são devidos à experiência social dos projetos nas periferias com objetivos ao exercício do direito humano e civil, assim como valorização da diversidade cultural. Reconhecer a importância não só da oficina de comunicação e do lugar da mídia no processo, mas principalmente da experiência social e dos indivíduos que compõem essa rede de estrutura social para o melhor exercício da cidadania, garantia dos direitos e deveres sociais, respeito e valorização da diversidade cultural e construção de uma sociedade mais justa e inclusiva. “A experiência social em todo o mundo é muito mais ampla e variada do que a tradição científica ou filosófica ocidental conhece e considera importante. Em segundo lugar, esta riqueza social está a ser desperdiçada” (SANTOS, 2002, p.238). Para o campo social, em especial a periferia que tem sido local de denúncias, medo, sofrimento e excluídos, reconhecer a riqueza do trabalho e da produção dos jovens nutre um sentimento de emancipação cidadã e cultural com respeito e valor.

Tais reflexões são o início de um trabalho de pesquisa sobre os projetos sociais e a construção da realidade em favor da cidadania e cultura de tais minorias, a partir de lógicas e processualidades midiáticas. Para tanto, pensar as relações entre teoria e experiências sociais me provoca a considerar os projetos sociais como objeto de várias formulações metodológicas. E parte metodológica do próprio interacionismo simbólico descarta formulações, tabelas ou encaixes de fórmulas do que ocorre no social no que está dito na teoria.





A isso se soma minha intenção em **não** utilizar uma *razão indolente*<sup>6</sup> para o trabalho de pesquisa de projetos sociais na área da comunicação, correndo risco de desperdiçar riquezas que o cotidiano da realidade dos projetos possam mostrar diferente de tudo que já foi colocada no papel como conceito e nem me deixar achatar a realidade das atividades buscando sempre encaixá-las em frases e conclusões já realizadas.

A compreensão do estudo de oficinas de comunicação que pretendo aprofundar a partir destas primeiras reflexões dar-se-ão por meio da dialética inspirada no texto de Miguel Martínez Miguélez sobre o “Proceso de Teorización”, do qual foram extraídos os entendimentos para a pesquisa. “El processo completo implica la categorización, la estructuración individual y general, la contrastación y la teorización propiamente dicha” (MIGUELEZ, 2004, p.01). O objeto teria de se articular com a teoria já existente, mas seria construído rompendo com operacionalidades já conhecidas no desenvolvimento das investigações. Uma nova idéia poderia surgir da imersão na experiência social a ser analisada (o corpus da pesquisa). O atrelamento a conceitos rígidos poderia limitar as compreensões que o corpus teria a oferecer com as inovações do tempo e das reflexões já realizadas anteriormente. Assim, optamos por encaminhamentos dialéticos entre teoria e experiência analisadas.

Será um diálogo/debate entre diversas partes: pesquisadores de cidadania, direitos humanos, cultura, midiaticização, tecnologias, sociedade, o observado, o descrito, o registrado, os atores, o contexto político, o contexto econômico, o contexto histórico, o objeto de pesquisa, os educadores, os jovens, a coordenação do projeto, os ouvintes dos produtos, os leitores dos jornais criados nos projetos, pensando a comunicação como uma construção dialógica, que parte da troca de idéias a fim de alcançar conhecimentos.

Por um lado, a exigência estratégica de estudar os MS atuais como formas de ação coletiva que se constroem em função das condições econômicas, políticas e sociais críticas deste novo milênio. Este quadro global externo é o que gera o contexto para a ação social dos MS (por ex., a organização dos Fóruns mundiais e regionais). Uma segunda perspectiva de

---

<sup>6</sup> Boaventura de Sousa Santos (2002) escreveu sobre a razão indolente que seria configurada por quatro pilares: razão impotente quando a realidade é dada como exterior e não pode ser mudada; a razão arrogante que se considera livre e por isso livre da necessidade de mostrar sua liberdade; a razão metonímica que se reivindica como a única forma de racionalidade e por isso não busca outras formas; a razão proléptica que não julga necessário pensar o futuro porque julga saber tudo a respeito dele.



análise, complementar a anterior, consiste em compreender a emergência de novas e diferentes formas de organização, surgidas das atuais condições de existência social e da vida cotidiana. Em outras palavras, além de observar as condições políticas e econômicas ‘externas e objetivas’, faz-se indispensável conhecer as condições ‘internas’ dos mundos da vida que geram o contexto psicossocial em que os indivíduos e os grupos cultivam seus ambientes sociais e culturais (VIZER, 2007, p. 44)

Por isso, a afirmação do esforço de análise que reúne dados diversos para construção de categorias que partem da experiência e da teoria, sem achatar a realidade em categorias impostas. As categorias deverão permitir articulação e, por isso, uma análise detalhada das processualidades dos projetos, devidamente contextualizada, com elementos sociais e comunicacionais.

## REFERÊNCIAS

ARMANI, Domingos. *Como elaborar Projetos?* Porto Alegre: TOMO Editorial, 2000.

BERGER, Christa. *Crítica, perplexa, de intervenção e de denúncia: a pesquisa já foi assim na América Latina*. In: Revista Digital Intexto num. 6, Porto Alegre, 1999. Último acesso em 25 de agosto de 2008 [<http://www.intexto.ufrgs.br/v6n6/a-v6n6a2.html>]

BERGER, Peter L., LUCKMANN, Thomas. *A Construção Social da Realidade*. Petrópolis, Vozes, 1985.

BRAGA, José Luiz. *Constituição do Campo da Comunicação*. In: FAUSTO NETO, Antônio et al. João Pessoa: Editora UFPB, 2001.

\_\_\_\_\_. *Mediatização como processo interacional de referência*. Artigo apresentado no Grupo de Trabalho Comunicação e Sociabilidade, do XV Encontro da Compós, na Unesp, Bauru, São Paulo, em junho de 2006.

\_\_\_\_\_. Os estudos de interface como espaço de construção do Campo da Comunicação. *Contracampo*. Rio de Janeiro, v. 10/11, n. 2004/2, p. 219-235, 2004.

CASTELLS, Manuel. *A sociedade em rede (A era da informação: economia, sociedade e cultura; Volume 1*, São Paulo: Editora Paz e Terra, 2a. ed., 1999.

FERREIRA, Jairo e VIZER, Eduardo (orgs.). *Mídia e Movimentos Sociais – Linguagens e coletivos em ação*. São Paulo: Paulus, 2007.



FRANÇA, Vera R. V. *O jornalismo e a comunicação*. In: *Communication et Socialité: le Journalisme au-delà de l'information*, Paris: Universidade de Paris V, (tese de doutorado). Capítulo traduzido por Vera França, 1993.

FURASTE, Pedro Augusto. *Normas Técnicas para o Trabalho Científico*. Porto Alegre, s.n., 2004.

HALL, Stuart. *A identidade Cultural na Pós-modernidade*; Tradução Tomaz Tadeu da Silva, Guaracira Lopes Louro – 9ª ed. – Rio de Janeiro: DP&A, 2004.

MALDONADO, Efendy. *A problemática do sujeito e das estruturas: pensar a cidadania a partir do comunicacional: o modelo matelartiano*. Artigo apresentado no GT Comunicação e Cidadania no XXV Congresso Brasileira de Ciências da Comunicação, Salvador, 2002a.

\_\_\_\_\_. Exploração sobre a problemática epistemológica no campo das ciências da comunicação. In: *Ciberlegenda*, num. 10, 2002b. Último acesso em 25 de agosto de 2008 [<http://www.uff.br/mestcii/efendy3.htm>]

\_\_\_\_\_. Práxis reflexiva comunicacional e configurações sociais transformadoras. *Ciberlegenda*, num. 12, 2003. Último acesso em 25 de agosto de 2008 [<http://www.uff.br/mestcii/efendy4.htm>]

MIGUELEZ, Miguel Martinez. *Processo de Teorização*. Cópia. Agosto, 2004.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. *Dos meios às mediações*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1997.

\_\_\_\_\_. *Razón técnica y razón política: espacios/tiempos nos pensados*. Debate Cultural. Disponível em: <<http://www.debate-cultural.org.ve/JesusMartinBarbero.htm>>. Acesso em: out. 2005.

MATTELART, Armand e Michèle. *História das teorias da comunicação*. São Paulo: Loyola - 7ª ed. - 2004.

SANTOS, Boaventura de Sousa. Para uma sociologia das ausências e uma sociologia das emergências. In: *Revista Crítica de Ciências Sociais*, num. 63, Outubro 2002: p. 237-280. Acesso on line [<http://www.ces.uc.pt/publicacoes/rccs/artigos/63/RCCS63-237-280-Boaventura%20S.Santos.pdf>]

SILVERSTONE, Roger. *Por que estudar a mídia?* São Paulo: Edições Loyola, 2002.

VILLAR, M. E. V. *Experiências Juvenis e Ações Públicas dirigidas à Juventude: Artes e Trabalho na Transmissão Geracional*. Tese de Doutorado (Doutorado em Educação), Universidade de São Paulo, Faculdade de Educação, São Paulo, 2007.